

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**ANÁLISE DE BALANÇO COMO FERRAMENTA DE
GESTÃO: Um estudo de caso.**

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Graciela Gai

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

**ANÁLISE DE BALANÇO COMO FERRAMENTA DE
GESTÃO: Um estudo de caso.**

por

Graciela Gai

Trabalho de Graduação apresentado ao curso de ciências contábeis da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS) como requisito parcial
para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Selia Gräbner

Santa Maria, RS, Brasil
2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Ciências Contábeis**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o trabalho de graduação

**ANÁLISE DE BALANÇO COMO FERRAMENTA DE GESTÃO:
Um estudo de caso.**

elaborado por
Graciela Gai

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis

COMISSÃO EXAMINADORA

Selia Gräbner, Ms.
(Presidente/Orientadora)

Luiz Antonio Rossi de Freitas, Ms.

Luci Inês Schumacher, Prof^a

Santa Maria, 02 de Julho de 2009

RESUMO

Trabalho de Graduação
Curso de Ciências Contábeis
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Federal de Santa Maria

ANÁLISE DE BALANÇO COMO FERRAMENTA DE GESTÃO: Um estudo de caso.

Autora: Graciela Gai

Orientadora: Selia Gräbner

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 02 de julho de 2009.

Este trabalho mostra a importância da análise de balanço como ferramenta gerencial nas atividades das empresas, dessa forma, a mesma tem a possibilidade de controlar e acompanhar as situações relativas às áreas patrimoniais, operacionais, financeiras e econômicas. As informações que a contabilidade fornece possibilitam aos usuários identificar problemas e possíveis tendências, e desta forma, que se verifique e avalie a situação da empresa, que se compare seus resultados durante vários períodos, que se projete o futuro e que se compare os resultados em relação aos objetivos anteriormente estabelecidos. Como forma de mostrar a importância da análise dos demonstrativos contábeis foi realizado um estudo da bibliografia existente e realizado um estudo de caso da empresa SR engenharia industrial Ltda. Através desse estudo pode-se concluir que os problemas encontrados na discussão só foram detectados graças à análise de balanço, não sendo, provavelmente, tais problemas visíveis por seus administradores sem a utilização dessa ferramenta. Os pontos críticos encontrados e relatados no relatório de análise foram os questionamentos de quais recursos devem ser usados na aquisição de imobilizado, além da indicação da possibilidade de melhora nas margens de lucros. É essencial que qualquer empresa se utilize dessa ferramenta para ajudar no apoio ao seu crescimento, pois assim, podem-se diagnosticar os pontos críticos e permitir desta forma a apresentação de uma lista de prioridades para a solução de problemas e descobrir os causadores dos mesmos.

Palavras-chaves: Análise de balanços; Ferramenta de gestão; Importância da análise.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Índices da estrutura de Capital	27
Quadro 2 Índices da liquidez.....	28
Quadro 3 Prazos médios de estocagem, pagamento e recebimento.....	30
Quadro 4 Índices de lucratividade.....	32
Quadro 5 Índices de rentabilidade.....	33

LISTA DE ANEXOS

Anexo I Tabela IGP-DI/FGV	40
Anexo II Balanço Patrimonial 2006,2007 e 2008.....	41
Anexo III Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos - DOAR.....	42
Anexo IV Demonstração do Resultado do Exercício.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
2.1 Papel da contabilidade na gestão financeira das empresas	9
2.2 Análise de balanços	10
2.3 As dificuldades na análise de balanço	11
2.4 Preparação das demonstrações contábeis	11
2.5 Papel dos índices na análise de balanços	12
2.5.1 Estrutura de capital	13
2.5.1.1 Participação de capitais de terceiros	13
2.5.1.2 Composição de endividamento	13
2.5.1.3 Imobilização do patrimônio líquido	14
2.5.1.4 Imobilização de recursos não-correntes	14
2.5.2 Liquidez	14
2.5.2.1 Liquidez geral	15
2.5.2.2 Liquidez corrente	15
2.5.2.3 Liquidez seca	15
2.5.3 Rentabilidade	16
2.5.3.1 Retorno sobre o investimento	16
2.5.3.2 Retorno sobre os ativos	16
2.5.3.3 Custo da dívida	17
2.5.3.4 Retorno sobre o patrimônio líquido	17
2.5.3.5 Alavancagem financeira	17
2.5.4 Índices de Lucratividade	18
2.5.4.1 Giro do ativo	18
2.5.4.2 Margem Bruta	18
2.5.4.3 Margem operacional	18
2.5.4.4 Margem líquida	19
2.5.5 Rotatividade	19
2.5.5.1 Prazo médio de estocagem na Indústria	19
2.5.5.2 Prazo médio de recebimento	20
2.5.5.3 Prazo médio de pagamento	20
2.5.5.4 Liquidez dinâmica	20
2.6 Análise horizontal e análise vertical	21
2.7 Índice Geral de preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI)	22
2.8 Relatório de Análise	22
3 METODOLOGIA	24
4 ESTUDO DE CASO	26
4.1 Breve histórico da empresa S.R.Engenharia Industrial	26
4.2 Relatório de análise da empresa	26
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

A utilização da análise dos demonstrativos contábeis vem de tempos remotos, ela é tão antiga quanto à própria origem das demonstrações, desde os primórdios da contabilidade. Apareceu com os homens primitivos que já aplicavam noções rudimentares de análises.

Hoje em dia sua importância e utilidade não perderam força, muito pelo contrário, sua aplicação se estendeu para outros diversos tipos de usuários, pois representam informações relevantes a credores, investidores em geral, agências governamentais, acionistas e também aos gestores de empresas, sendo este último, o grande enfoque deste trabalho.

Aos gestores a análise de balanços tem a função de informar o posicionamento e a evolução dos vários grupos contábeis, servindo desta forma como uma ferramenta de apoio à administração no momento das decisões e para o controle de acompanhamento das situações relativas às áreas patrimoniais, operacionais, financeiras e econômicas, ajudando a concluir, por exemplo, se a mesma merece ou não crédito, se vem sendo bem administrada ou não, se tem condições de honrar com suas dívidas, se é lucrativa, se vem evoluindo ao longo dos anos, se é eficiente, se irá falir ou se continuará operando. Além do mais, pode ser possível também, conhecer o retorno que o investimento gerou, a rentabilidade de seu capital próprio e o volume de dívidas em relação ao capital próprio. Essas são apenas algumas informações de como se pode extrair e utilizar a análise de balanços como ferramenta para inúmeros processos decisórios e de acompanhamento das políticas nas organizações.

Ao constatar-se que a empresa SR Engenharia Industrial, não possui nenhum tipo de análise de seus demonstrativos, verifica-se a necessidade desse estudo, objetivando avaliar, através de seus demonstrativos contábeis relativos aos períodos de 2006 (dois mil e seis), 2007 (dois mil e sete) e 2008 (dois mil e oito) a situação da mesma, no que tange os aspectos operacionais, econômicos, patrimoniais e financeiros, e, desta forma, apresentar um esboço das prioridades para a solução de eventuais problemas detectados.

Para o pleno êxito na realização deste estudo é necessário primeiramente, demonstrar, com base em pesquisa bibliográfica, a importância da análise de

balanço para a tomada de decisão nas empresas. Posteriormente deve-se fazer um levantamento dos dados necessários para obtenção das informações imprescindíveis para se fazer a análise operacional, econômica, patrimonial e financeira da entidade de seus 3 (três) últimos anos. O último passo é emitir um relatório com os principais pontos críticos estudados, e apresentar alternativas para solucionar eventuais problemas, verificando se é possível buscar soluções para os problemas do passado e indicar alternativas econômico-financeiras futuras por meio da análise dos demonstrativos.

Essa pesquisa se justifica, em virtude da essencialidade da análise como uma ferramenta para tomada de decisões importantes nas instituições. É inquestionável que as empresas devam utilizar deste recurso para ajudar no apoio ao seu crescimento e no aprimoramento das questões patrimoniais, operacionais, financeiras e econômicas, podendo diagnosticar dessa forma quais os pontos críticos, e permitindo assim, de imediato, a apresentação de uma lista das prioridades para a solução de eventuais problemas e descobrindo também, os causadores dos mesmos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Papel da contabilidade na gestão financeira das empresas

Ocorrem diversos fatores, tais como, avanços tecnológicos, variações de mercado, aumento na carga tributária, fatores de desenvolvimento social e até mesmo causas naturais, exigindo que o profissional contábil consiga, através da contabilidade, produzir prognósticos sobre a riqueza das instituições.

Uma das vitais funções da contabilidade é fornecer dados importantes e fundamentais aos administradores, gerentes ou executivos das empresas, a fim de que esses possam ter conhecimento da real situação econômico-financeiro da entidade, e dessa forma, contar com elementos objetivos para a tomada de decisão.

Ludícibus (1998) diz que a contabilidade na qualidade de ciência aplicada, com metodologia especialmente criada para captar, registrar, acumular, resumir e interpretar os fenômenos que afetam as situações patrimoniais e econômicas de qualquer ente, possui este aspecto de prevenção dos riscos e a continuidade dos empreendimentos.

Entre os diversos instrumentos utilizados pela administração, é importante destacar o papel da contabilidade, como meio especialmente concebido para captar, registrar, acumular, resumir, medir e interpretar os fenômenos que afetam a situação patrimonial, financeira e econômica de qualquer empresa, seja qual for seu ramo de atividade ou sua forma jurídica (BRAGA, 1999, p. 21).

Segundo Braga (1999), a contabilidade deve gerar informações a serem utilizadas por certos usuários em decisões que visam à realização dos objetivos e interesses das instituições. Essas informações quantitativas que a contabilidade fornece, devem possibilitar aos interessados avaliar a situação e possíveis tendências, com o maior grau de facilidade possível, e desta forma, permitir que se observe e avalie o comportamento da empresa, que se comparem seus resultados com outros anos ou outras entidades, que se projete o futuro nos âmbitos sociais e econômicos no meio da qual se insere e que se avalie os resultados em relação aos objetivos pré-estabelecidos. Tudo isso para que os usuários possam planejar suas próprias operações.

2.2 Análise de balanços

Um dos elementos fundamentais na tomada de decisões de determinadas instituições é a análise de todos seus demonstrativos.

O diagnóstico de uma empresa quase sempre começa com uma rigorosa análise de balanços, cuja finalidade é determinar quais são os pontos críticos e permitir, de imediato, apresentar um esboço de suas prioridades para solução de seus problemas (MATARAZZO, 1998, p.29).

É através das demonstrações contábeis que são fornecidos os dados sobre a empresa, a finalidade da análise de balanços é de transformar esses dados em informações confiáveis. Matarazzo (1998, p.17) diz que: “a análise de balanços objetiva extrair informações das demonstrações financeiras para a tomada de decisão”.

Para ser feita a análise, deve averiguar se tem a posse de todas as Demonstrações Contábeis (inclusive Notas Explicativas). Também seria desejável ter em mão as Demonstrações Contábeis de três períodos. Com as publicações em colunas comparativas, tem-se de posse de uma única publicação, dois períodos: exercício atual e exercício anterior. (MARION, 2002, p. 22).

Segundo Ludícibus (1998, p.19), “a análise de balanços faz mais sentido quando, além de sua função de informar o posicionamento relativo e a evolução de vários grupos contábeis, também serve como painel de controle da administração”. Isso mostra que além de detectar problemas passados, é possível também, através da construção de indicadores financeiros e suas subseqüentes avaliações evolutivas em períodos mais curtos, controlar com mais freqüência a posição patrimonial, econômica e financeira das empresas.

A análise de balanços pode abranger diversos tipos de usuários, tais como: fornecedores, clientes, bancos comerciais, bancos de investimentos, sociedades de créditos imobiliários, corretoras de investidores e público investidor, concorrente, governo e principalmente os dirigentes.

Ela será utilizada como auxiliar na formulação de estratégia da empresa, e tanto pode fornecer subsídios úteis como informações fundamentais sobre a rentabilidade e a liquidez da empresa hoje em comparação com as dos balanços orçados. Qual será a liquidez da empresa, no próximo ano, obtida a partir do balanço orçado? Essa liquidez

permitirá folga suficiente? Dará flexibilidade aos administradores financeiros? Qual será o índice de rotação de estoques que a empresa deverá ter no próximo exercício, comparando-se o índice de rotação que tem hoje? Como pode ser alterado? (MATARAZZO, 1998, p.37)

Para haver uma análise completa e de qualidade dos relatórios contábeis é necessário que se saiba exatamente o que representa cada conta que nelas figura. Segundo Ludícibus (1998), “relatório contábil é a exposição resumida e ordenada dos principais fatos registrados pela contabilidade, em determinado período”. As demonstrações que serão analisadas nesse estudo são: Balanço Patrimonial, demonstração do Resultado do exercício e Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos.

2.3 As dificuldades na análise de balanço

Existem diversos fatores que dificultam a análise dos demonstrativos contábeis, dentre tantos, destacam-se: a falta de clareza das demonstrações e falta de informações mais completas em notas explicativas e em outras demonstrações auxiliares. Falta de cumplicidade dos representantes das empresas, no sentido de informar aos analistas os dados necessários para se proceder devidamente às análises. Há também, falta de auditorias operacionais, financeiras, fiscais, tributárias e contábeis nas empresas que não possuem suas ações em bolsa de valores, ou seja, nas empresas de capital fechado.

2.4 Preparação das demonstrações contábeis

Matarazzo (2003, p.135) comenta que: “as demonstrações contábeis devem ser preparadas para a análise, da mesma forma que um paciente que vai submeter-se a exames médicos”. Essa relação esboçada pelo autor diz respeito à simplificação, comparabilidade, adequação aos objetivos da análise, precisão na classificação das contas, descoberta de erros e intimidade do analista com as demonstrações financeiras.

A simplificação do balanço nada mais é que compilar as contas que não possuem grande relevância nos demonstrativos, que em relação ao todo não

representam grande valia para as análises; além disso, um demonstrativo com muitas contas, podem dificultar a visualização do balanço como um todo por parte de seus analistas.

Matarazzo (2003), em relação à comparabilidade, fala que como a análise baseia-se em comparações, e que para fazer sentido é preciso que o balanço se encaixe em um modelo em que sejam possíveis comparações com outros balanços.

A adequação aos objetivos da análise trata da reclassificação de certas contas, como por exemplo, das duplicatas descontadas, que do ponto de vista financeiro, se trata de um tipo comum de financiamento. Nessa mesma linha, a precisão nas classificações de contas, trata das falhas de classificação de curto prazo e longo prazo, despesas dos exercícios vigentes que figuram em despesas de exercícios seguintes, investimentos de caráter permanente que estão classificados no ativo circulante, entre outros.

É preciso também que sejam verificados erros, mesmo sendo intencionais ou não, como exemplificados por Matarazzo (2003): se os estoques finais ou iniciais da demonstração do resultado do exercício não coincidem com os valores apresentados em seus balanços; se a perda no recebimento de clientes não coincide com a demonstrada na demonstração do resultado; entre outras.

Quando se fala em intimidade do analista com as demonstrações financeiras da empresa estudada, pode-se dizer que ela é a consequência da padronização, pois para chegar a esse objetivo, é preciso que o analista pense em cada conta e a decidir sobre sua consistência em relação a outras dentro dos demonstrativos, e ao termino do estudo o analista adquire enorme familiaridade com os números da instituição, fazendo que possa enxergar detalhes, antes não possíveis.

2.5 Papel dos índices na análise de balanços

Conforme MATARAZZO (1998, p.153), “um índice é como uma vela acesa num quarto escuro”, isso remete à interpretação de que é através dos índices que é possível se evidenciar determinado aspecto da situação econômica e financeira das empresas.

Matarazzo (1998) define que os índices são dados extraídos da relação entre contas ou grupo de contas do balanço patrimonial, sobre os quais são aplicadas

técnicas de análise, a fim de fornecer uma visão ampla da situação econômica e financeira das empresas, através deles pode-se construir um quadro de avaliação das empresas.

O relevante em relação à análise de índices, não são os cálculos de grandes números de índices e sim, de um conjunto deles, para que seja permitido certo grau de eficiência nas informações. Os índices que serão estudados a seguir são os que compõem as estruturas de capital, liquidez, rentabilidade e rotatividade.

2.5.1 Estrutura de capital

Os índices deste grupo são os que demonstram as grandes decisões de cunho financeiro em relação à obtenção e aplicação de recursos. Por se tratar de uma indústria, com alto investimento em imobilizado e com razoável captação de recursos com terceiros, esses índices devem ser de suma importância para a referida análise.

2.5.1.1 Participação de capitais de terceiros

Fórmula:
$$\frac{\text{Capitais de terceiros}}{\text{Patrimônio líquido}}$$

Através desta fórmula é extraída a informação do grau de endividamento da empresa, é um indicador de risco ou dependência de recursos de terceiros.

2.5.1.2 Composição de endividamento

Fórmula:
$$\frac{\text{Passivo circulante}}{\text{Capitais de terceiros}}$$

A composição de endividamento traz a idéia do percentual de obrigações de curto prazo em relação às obrigações totais; a partir das informações geradas pela composição de endividamento é possível saber quanto do total de dívidas é de curto prazo.

2.5.1.3 Imobilização do patrimônio líquido

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Ativo permanente}}{\text{Patrimônio líquido}}$$

A partir dos dados extraídos verifica-se quanto do ativo permanente da empresa foi financiado por recursos próprios, além disso, informa também o capital circulante próprio, ou seja, a parcela do patrimônio líquido investido no ativo circulante da mesma.

2.5.1.4 Imobilização de recursos não-correntes

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Ativo permanente}}{\text{Patrimônio líquido} + \text{Exigível longo prazo}}$$

Fonte de dados de grande importância, através deste índice é conhecido quanto de capital não-corrente, ou seja, de longo prazo, foi aplicado no imobilizado da empresa. Sabe-se que o ativo permanente possui uma vida útil longa, que conforme Matarazzo (1998) pode ser de 2, 5, 10 ou 50 anos; portanto é perfeitamente normal que grande parte seja financiada com recursos de longo prazo, podendo até mesmo o prazo para pagamento dos recursos, ultrapassar a vida útil do bem.

2.5.2 Liquidez

Os índices de liquidez medem, em confronto do ativo circulante e das dívidas, a capacidade de pagamento da empresa. Esse fator é relevante nesse estudo, sendo composto pela liquidez geral, liquidez corrente e liquidez seca, como ver-se-á a seguir.

Conforme Matarazzo (1998) o índice de liquidez é o termômetro que mede quão sólida é a base financeira da empresa, e por isso pode-se deduzir que essa empresa, com uma base sólida, dispõe de condições muito favoráveis para honrar seus compromissos.

2.5.2.1 Liquidez geral

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Ativo circulante} + \text{Realizável longo prazo}}{\text{Passivo circulante} + \text{Exigível longo prazo}}$$

A análise deste índice nos remete a seguinte informação: se o ativo total da empresa é suficiente para cobrir, ou seja, pagar, todas as suas dívidas que estão registradas em seu passivo, e se ainda existe uma folga financeira para a empresa. Diante dessas informações essenciais a qualquer empresa, a liquidez geral é peça decisiva para uma boa análise.

2.5.2.2 Liquidez corrente

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Ativo circulante}}{\text{Passivo circulante}}$$

Se com a liquidez geral pode-se verificar a capacidade de pagamento de curto e longo prazo da empresa, na liquidez corrente encontra-se a capacidade de pagamento de curto prazo ou seja, em relação ao ativo e passivo de curto prazo.

Destaca-se sua importância devido à capacidade de informar aos dirigentes se a empresa possui ou não a capacidade de pagar suas dívidas de curto prazo com recursos correntes; esse tipo de informação pode ser decisivo para a situação financeira da empresa, segundo MATARAZZO (1998, p.178) a liquidez corrente significa: “a margem de folga para manobras de prazos, visa equilibrar as entradas e saídas de caixa”.

2.5.2.3 Liquidez seca

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Disponível} + \text{Aplicações financeiras} + \text{Clientes}}{\text{Passivo circulante}}$$

Pode-se dizer que a liquidez seca é a prova final da situação financeira da empresa, porque mede sua capacidade de pagar suas dívidas de curto prazo com

recursos de rápida conversibilidade em dinheiro. Em conjunto com a liquidez corrente, é a forma mais confiável de se medir a capacidade de pagamento de qualquer empresa.

2.5.3 Rentabilidade

Para Matarazzo (1998, p.181), “os índices deste grupo mostram a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, quanto renderam os investimentos, e portanto, qual o grau de êxito econômico da empresa”. Portanto percebe-se a importância informacional destes índices aos sócios, uma vez que a análise da rentabilidade é o principal relatório baseado nas demonstrações financeiras de que podem fazer uso os dirigentes de uma empresa. É composto pelos índices: retorno sobre os investimentos (R.O.I.), retorno sobre o ativo (R.O.A.), custo da dívida, retorno sobre o patrimônio líquido (R.O.E.) e a alavancagem financeira.

2.5.3.1 Retorno sobre o investimento

Fórmula:
$$\frac{\text{Lucro operacional}}{\text{Investimento}}$$

Apurando-se a taxa de retorno sobre o investimento, a empresa consegue detectar se os recursos utilizados geraram lucro; os investimentos se referem ao total do ativo subtraindo-se os débitos com funcionamento (despesas relativas a atividade da empresa, como: salários, aluguel, etc).

Este índice quantifica o retorno produzido pelas decisões de investimento, avaliando a atratividade econômica, serve de parâmetro para a avaliação de desempenho da empresa, etc.

2.5.3.2 Retorno sobre os ativos

Fórmula:
$$\frac{\text{Lucro operacional}}{\text{Ativo total}}$$

Mostra quanto que a empresa obteve de lucro líquido em relação ao seu ativo, mede o potencial na geração de lucro.

2.5.3.3 Custo da dívida

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Despesa financeira}}{\text{Passivo oneroso}}$$

Indica o percentual de despesas financeiras que se paga em relação aos recursos capitados com terceiros, com ele, a empresa consegue mensurar o custo das dívidas contraídas. O passivo oneroso representa a totalidade dos débitos de financiamentos, ou seja, aqueles captados através de terceiros.

2.5.3.4 Retorno sobre o patrimônio líquido

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Patrimônio líquido}}$$

Esta diretamente relacionada com o interesse dos proprietários, esta taxa mostra o rendimento do capital próprio investido.

2.5.3.5 Alavancagem financeira

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Retorno sobre o patrimônio líquido}}{\text{Retorno sobre os ativos}}$$

Para Ludícibus (1998, p.211) “a alavancagem financeira relaciona o lucro obtido para cada real do patrimônio líquido investido com o lucro que seria obtido em cada real de patrimônio líquido investido se em lugar do financiamento recorrêssemos a aumento de capital”. Em poucas palavras, a alavancagem financeira nos remete à capacidade que os recursos de terceiros apresentam de aumentar a rentabilidade do capital próprio.

2.5.4 Índices de Lucratividade

2.5.4.1 Giro do ativo

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Vendas líquidas}}{\text{Ativo total}}$$

Conforme Matarazzo (1998, p.182), “o sucesso de uma empresa depende em primeiro lugar de um volume de vendas adequado”, salienta-se que com base nos dados deste índice, pode-se medir o volume de vendas em relação ao capital investido.

2.5.4.2 Margem Bruta

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Lucro bruto}}{\text{Receita operacional líquida}}$$

Este índice se configura como fundamental na análise de instituições industriais, como é o caso da empresa estudada, pois reflete quanto de receita líquida restou, depois de deduzir todos os seus custos, portanto, pode-se saber desta forma, se os gastos de fabricação estão condizentes com a receita auferida pela mesma, ou se seria necessário reduzi-los, bem como aumentar o preço de venda, etc.

2.5.4.3 Margem operacional

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Lucro operacional}}{\text{Receita operacional líquida}}$$

Este índice expressa o percentualmente daquilo que restou de receita operacional, depois de deduzidas todas as despesas operacionais.

2.5.4.4 Margem líquida

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Receita operacional líquida}}$$

Demonstra o percentual da receita operacional líquida que restou após serem excluídas todas as despesas e somado os resultados não operacionais, a provisão de imposto de renda e as participações societárias.

2.5.5 Rotatividade

Para obterem-se os índices de rotatividade, é necessário conhecer os conceitos de ciclo operacional e ciclo financeiro. O ciclo operacional é a fase que começa desde a aquisição dos materiais para a produção até o recebimento das vendas efetuadas, já o ciclo financeiro começa a partir do pagamento dessas compras até o recebimento das vendas. Esses índices expressam o tempo de renovação dos estoques, pagamentos, e recebimento.

2.5.5.1 Prazo médio de estocagem na Indústria

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Estoque Médio de Matéria Prima} \times 360}{\text{Custo matéria-prima}}$$

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Estoque médio de produtos em elaboração} \times 360}{\text{Custo Produto de Elaboração}}$$

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Estoque Médio de produtos Acabados} \times 360}{\text{Custo do Produto Acabado}}$$

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Prazo Médio de Armazenamento Total} \times 360}{\text{Custo Total}}$$

Através desses índices pode-se conhecer o tempo, em dias, que leva para o estoque da empresa rodar, ou seja, quanto tempo eles ficam sem utilização nas

diversas fases de produção, desde a matéria-prima, passando para o produto em elaboração e produto acabado, até o prazo de armazenamento total. Importante salientar que isso reflete na gestão de caixa, uma vez que valores investidos em estoques podem ser muitas vezes desnecessários, afetando a liquidez da empresa.

2.5.5.2 Prazo médio de recebimento

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Duplicatas a receber}}{\text{Vendas a prazo}} \times 360$$

Através deste índice tem-se o tempo médio que leva para a empresa receber suas vendas a prazo. Essa questão envolve também a gestão de caixa, uma vez que a empresa precisa estudar se os prazos dados a seus clientes estão de acordo com suas necessidades de caixa.

2.5.5.3 Prazo médio de pagamento

$$\text{Fórmula: } \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras a prazo}} \times 360$$

O prazo médio de pagamento nos fornece o tempo que se tem em média para honrar dívidas com fornecedores, está ligada com os prazos médio de recebimento, pois são as necessidades de dinheiro em caixa que influenciam na decisão de dar mais ou menos tempo pra os clientes.

2.5.5.4 Liquidez dinâmica

$$\text{Fórmula: } \frac{(\text{Rot. estog.} \times \% \text{vdas a vista}) + (\text{Rot. dupl. a receber} \times \% \text{vdas a pz})}{\text{Rotação de fornecedores}}$$

A liquidez dinâmica analisa os recebimentos dos clientes e pagamentos de fornecedores de forma concomitante. Se o resultado for menor que um, quer dizer que a empresa está trabalhando com a política de prazos de forma equivocada, pois

primeiro paga seus fornecedores, para somente depois receber de seus clientes. Se for maior que um, significa que primeiro recebe e depois paga seus credores.

Uma liquidez dinâmica menor que um pode ser sinal de alerta, pois a falta de capital circulante líquido para pagamento de credores, onera a empresa com despesas financeiras, tais como: multas, juros e encargos sobre empréstimos.

2.6 Análise horizontal e análise vertical

Além da utilização de índices para elaboração da análise, outra forma normalmente usada pra esse mesmo fim são as análises horizontais e verticais das contas de cada demonstração, a fim de evidenciar, por exemplo, a evolução das mesmas no decorrer dos anos, e avaliar sua representatividade dentro de cada grupo.

Para Ludícibus (1998 p.90): “a finalidade principal da análise horizontal é apontar o crescimento de itens dos balanços e das demonstrações de resultado (e outros demonstrativos) através de períodos, a fim de caracterizar tendências”. Dessa forma, percebe-se que neste tipo de análise se evidencia a evolução de cada conta de uma série de demonstrações em relação a outras, geralmente mais antigas, que permitem tirar conclusões sobre a evolução da empresa.

Já a análise vertical, tem como base a avaliação de cada conta em relação a um valor-base, como: percentual de cada conta em relação ao ativo total. Matarazzo (1998, p.249), diz que: “o percentual de cada conta mostra sua real importância no conjunto”.

Não se pode deixar de enfatizar que esse tipo de análise não pode ser realizado de forma isolada, é preciso que seja feita em conjunto, ou seja, relacionar a análise horizontal, a vertical e de todos os índices.

A análise através de índices financeiros é genérica; relaciona grandes itens das demonstrações financeiras e permite dar uma avaliação à empresa. A análise vertical / horizontal desce a um nível de detalhes que não permite essa visão ampla de empresa, mas possibilita localizar pontos específicos de falhas, problemas e características da empresa e explicar os motivos de a empresa estar em determinada situação. Matarazzo (1998, p.255).

Silva (1990) diz que a análise consiste em um processo de averiguação e

reflexão com determinada finalidade. Para realizá-la, é necessário decompor um todo em partes e explicar estas partes detalhadamente para entendimento do todo. A análise das demonstrações contábeis feitas com base nos índices busca justamente explicar tais demonstrações, utilizando-se da relação entre as suas contas e/ou grupo de contas.

2.7 Índice geral de preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI)

Apesar da inflação no Brasil atualmente estar controlada, ainda sofremos com sua ocorrência, para tanto os demonstrativos estudados sofreram ajustes para sanar tal inflação, conforme tabela da FGV (Fundação Getulio Vargas), em anexo I.

O IGP-DI, é que um Índice geral de preços – Disponibilidade interna, da FGV, índice que tenta refletir as variações mensais de preços, pesquisados do dia 01 ao último dia do mês corrente. Ele é formado pelo IPA (Índice de Preços por Atacado), IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e INCC (Índice Nacional do Custo da Construção), com pesos de 60%, 30% e 10%, respectivamente. O índice apura as variações de preços de matérias-primas agrícolas e industriais no atacado e de bens e serviços finais no consumo.

2.8 Relatório de Análise

Conforme Ribeiro (1999, p.187), “relatório de análise é um documento, elaborado pelo analista de balanço, que contém as conclusões resultantes do desenvolvimento do processo de análise”.

E para que este relatório seja de fácil compreensão para os diversos tipos de usuários, que podem ou não, serem da área da contabilidade, ele deve ser redigido em linguagem de fácil entendimento e com extrema clareza. É o que afirma, Ribeiro (1999, p.188): “o relatório de análise deve ser elaborado em linguagem inteligível para leigos, ainda que alguns usuários possuam conhecimentos de contabilidade”.

Além da clareza e fácil compreensão, para Ribeiro (1999), na elaboração deste tipo de relatório alguns pontos devem ser levados em consideração, tais como: a preocupação que o analista deve ter de relatar suas conclusões visando ajudar o usuário na tomada de decisões; em geral, apresentar informações sobre a

situação econômico-financeira da empresa e seu desempenho ao longo dos anos; esclarecer ainda as causas de tais desempenhos; e também deve conter, em anexo, todos os documentos que comprovam o resultado da análise, normalmente, balanço patrimonial da empresa, Demonstração do resultado do Exercício, Demonstração das Origens e Aplicações e um mapa contendo os indicadores utilizados.

3 METODOLOGIA

O referido trabalho de graduação é desenvolvido através de uma pesquisa descritiva na forma de levantamento sistemático dos fatos e dos fenômenos a serem estudados, que para Gil (1991) é um levantamento de dados onde se deve levar em conta as características do fenômeno estudado, e utilizar técnicas adequadas para o levantamento destes dados, e cujos objetivos, segundo Cervo e Bervian (2002), são: observar, registrar e analisar os fatos. Uma vez que é necessário fazer o levantamento dos dados da empresa, através das técnicas de análise de balanço e das demonstrações contábeis, e a partir disso observar e registrar as informações concluídas.

O método de pesquisa utilizado é o estudo de caso da empresa SR Engenharia Industrial Ltda., empresa escolhida devido à sua importância, sendo uma das únicas do ramo na cidade. O estudo de caso, para Gil (1991, p.78) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo”; para que se tenha uma melhor visualização do tema abordado e, sendo assim, alcançar mais facilmente os objetivos traçados.

No que tange os objetivos da pesquisa, a mesma é do tipo explicativa, uma vez que busca descobrir os fatos que contribuem para ocorrência dos fenômenos e as razões pelas quais aconteceram. Em relação à natureza dos dados, pode-se concluir que se trata de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, pois levam em consideração os fenômenos mensuráveis, como também a representatividade desses valores para a entidade.

Primeiramente houve a realização de uma pesquisa bibliográfica buscando fazer uma comprovação da relevância deste assunto aos profissionais contábeis e para as instituições em um modo geral, enfocando sua importância, bem como as técnicas para extração dessas informações; em um segundo momento, pesquisa documental da empresa, relativos ao balanço patrimonial, a demonstração do resultado do exercício e a demonstração das origens e aplicações dos recursos dos períodos de 2006, 2007 e 2008. Esses documentos serão fundamentais para o cálculo dos índices que serão vistos a seguir.

Antes de iniciar-se a análise foi feito um exame das demonstrações contábeis

da empresa e a atualização monetária, conforme a variação do Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI), além de ser necessário ajustá-los em conformidade com a nova Lei das Sociedades Anônimas (lei nº 11.638/07).

Algumas padronizações foram realizadas, tais como:

- No balanço houve a reclassificação da conta duplicatas descontadas para o passivo circulante; que do ponto de vista contábil é apresentada no balanço como redutora de clientes a receber, no ativo circulante.
- No balanço houve a reclassificação da conta de empréstimos a longo prazo para curto prazo, uma vez que as notas explicativas não se mostraram claras em relação à essas informações.

4 ESTUDO DE CASO

4.1 Breve histórico da empresa S.R.Engenharia Industrial

A empresa SR Engenharia Industrial Ltda foi fundada em 1º de setembro de 1987, como mais uma empresa do Grupo SB Construções, com o nome de SB Agroindustrial Ltda., absorvendo o setor de Estruturas Metálicas que estes já fabricavam através da sua Divisão Mecânico Metalúrgico e incrementando com a linha de Equipamentos Industriais. Em agosto de 1991, o Grupo SB Construções passou por uma reestruturação e a SB Agroindustrial se desligou do Grupo, passando a adotar o nome de SR Agroindustrial Ltda. e mudando a sede para um prédio com área de 500 m². Em Setembro de 2007, em virtude da comemoração dos seus 20 anos e da evolução de sua linha de equipamentos, a SR Agroindustrial mudou sua razão social para SR Engenharia Industrial Ltda. aproveitando também o momento para revitalizar sua identidade visual. Atualmente a SR Engenharia Industrial conta com uma área própria de 7.000 m². Para a manutenção da qualidade, a SR Engenharia Industrial presta acompanhamento personalizado a seus clientes e um currículo com mais de 600 obras no Brasil e demais países do Mercosul.

A empresa conta atualmente com 98 (noventa e oito) colaboradores, encontrando-se em constante crescimento, com sede em Santa Maria - RS, vem se consolidando no mercado como uma indústria especializada na fabricação de Estruturas Metálicas, Elevadores de Passageiros, Equipamentos Industriais para armazenamento e beneficiamento de grãos, sendo este último seu principal produto.

4.2 Relatório de análise da empresa

Depois de eliminadas as diferenças inflacionárias dos períodos, o balanço patrimonial da SR Engenharia Industrial, conforme anexo II, mostra através da análise horizontal e vertical dos três anos estudados, que o total de seu ativo sofreu um aumento real de 37,97%, passando de R\$ 3.866.599,45 para R\$ 5.334.602,58, o que sugere que a empresa se expandiu. Dentre os principais fatores que

ocasionaram este aumento pode-se destacar os significativos investimentos em bens e direitos para comercialização (estoques) e também em bens de caráter duradouro utilizados na manutenção das atividades da empresa (imobilizado), itens estes, que devido sua importância dentro do contexto da empresa, devem ser alvo de grande planejamento em seus investimentos por parte dos administradores.

Nota-se através da análise de seu Ativo (conjunto de bens e direitos), que os investimentos no imobilizado da empresa sofreram aumento razoável de 40,72% em 2008 em relação ao ano de 2006, uma vez que o mesmo perfazia o montante de R\$ 669.198,10 e passou a totalizar no último ano o valor de R\$ 941.709,54.

O gráfico abaixo remete a real evolução sofrida nos períodos de 2006, 2007 e 2008 no que tange seu imobilizado.

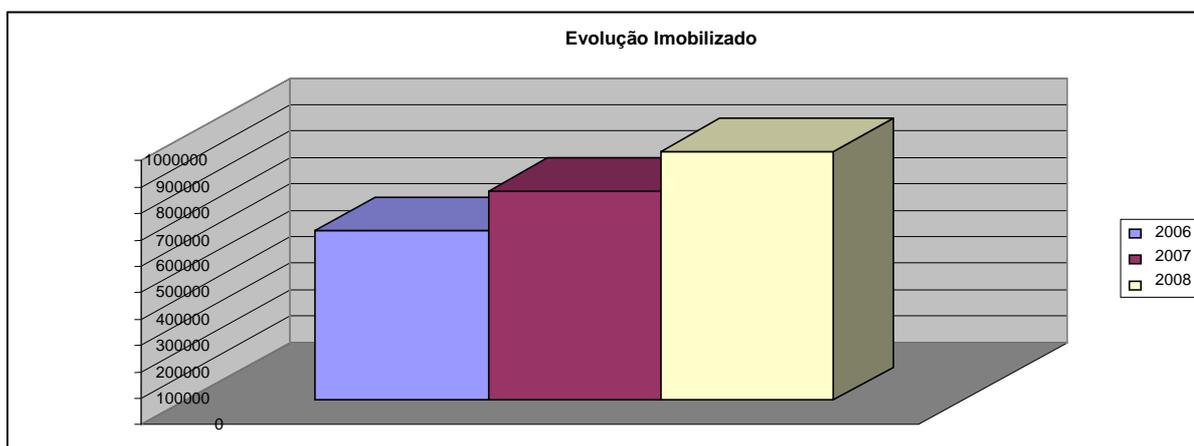


GRÁFICO 1: Evolução do Imobilizado da empresa.

Esse aumento é muito favorável à empresa, pois a mesma necessita de crescentes investimentos e aprimoramento de seu maquinário industrial bem como de suas instalações.

Índices da Estrutura de Capital	2006	2007	2008
Participação Cap.de terceiros	370,59%	255,71%	328,23%
Composição de Endividamento	352,54%	250,25%	322,95%
Imobilização do Pat.Líquido	93,85%	80,20%	83,90%
Imobilização de Rec.não-correntes	79,51%	76,05%	79,69%

QUADRO 1 – Índices da Estrutura de Capital.

Através da análise da Demonstração de Origens e Aplicação de Recursos (DOAR), conforme anexo III, pode-se verificar que grande parte das origens dos recursos utilizados nesses investimentos em Imobilizado foram oriundos de capitais próprios, provenientes de lucros e conforme seus índices de imobilização, no ano de 2006, por exemplo, de cada R\$ 100,00 de patrimônio líquido, R\$ 93,85 foram investidos no imobilizado, em 2007 foi R\$ 80,20 e em 2008 R\$ 83,90.

Os maiores aumentos foram em benfeitorias nas instalações, representadas pela conta identificada como imóveis de uso, que obteve um aumento no último ano de 28,91% e também as máquinas e equipamentos industriais, que cresceram 20,76%. Como os bens do ativo imobilizado geralmente possuem vida útil longa, não é necessário que esses bens sejam financiados somente, ou em grande parte, com capital próprio. A primeira sugestão para a empresa é que ela permaneça investindo, porém, com captação de recursos de terceiros em longo prazo, o que poderá lhe proporcionar uma maior folga financeira, deixando os recursos de curto prazo para financiar as suas operações de curto prazo, ou seja, seu capital de giro.

Conforme a análise de seu Passivo, nota-se que a conta de adiantamento de clientes possui grande representatividade, somente em 2008 os adiantamentos atingiram 49,90% do total do passivo, e em relação a 2006 obtiveram um crescimento de 160,71%. Essa conta teve influencia nos índices de endividamento da empresa (quanto a empresa possui de obrigações em curto prazo em relação às obrigações totais) que se mostraram elevados, conforme o Quadro 1, para cada R\$ 100,00 de capital próprio, a empresa tomou, em 2006, R\$ 370,58 de capital de terceiros, em 2007, R\$ 255,71 e em 2008 R\$ 328,94.

Diante disso, aparentemente, a empresa mantém grande dependência a terceiros, mas como dito anteriormente a mesma realiza suas vendas sob encomenda, sendo assim, os adiantamentos de clientes na realidade não são obrigações, são receitas que ainda não foram contabilizadas como tal devido a particularidade do modo de operação da empresa.

Índices de Liquidez	2006	2007	2008
Liquidez Geral	R\$ 1,02	R\$ 1,08	R\$ 1,04
Liquidez Corrente	R\$ 1,05	R\$ 1,08	R\$ 1,05
Liquidez Seca	R\$ 0,65	R\$ 0,79	R\$ 0,78

QUADRO 2 – Índices da liquidez.

A liquidez de uma empresa mostra a base da situação financeira, pois ele confronta os ativos com suas dívidas. Com a análise desses índices pode-se verificar que a liquidez geral, cuja finalidade, é evidenciar se os recursos financeiros aplicados no ativo circulante e no Realizável a longo prazo são suficientes para cobrir as obrigações totais da empresa, se encontra em boas condições, apesar de uma folga muito pequena. Em 2006 para cada R\$ 1,00 de dívidas totais tinha-se R\$ 1,02 de recursos para liquidá-los, em 2007 tinha-se R\$ 1,07 de recursos e em 2008 R\$ 1,05. A capacidade de pagamento de compromissos em curto prazo da empresa também é satisfatória, em todos os anos mostrou-se suficiente, bem como na capacidade de pagamento geral.

Se na análise da Liquidez Geral e Corrente ainda existe uma folga financeira, a mesma coisa não acontece com a questão da liquidez seca, que mostra se a empresa possui recursos em seu ativo líquido (disponibilidades e direitos de conversibilidade garantida) suficiente para saldar seus compromissos de curto prazo. Em ano de 2006, para cada R\$ 1,00 de dívida se tem apenas R\$ 0,65 de ativo líquido para honrá-lo, em 2007 tem-se R\$ 0,79 e em 2008, R\$ 0,78.

Prazos Médios	2006	2007	2008
Duplicatas a receber	23 dias	31 dias	83 dias
Pagamento de Fornecedores	71 dias	91 dias	131 dias
Estoque Matéria-Prima	111 dias	99 dias	121 dias
Estoque Produtos Elaboração	139 dias	107 dias	75 dias

QUADRO 3 – Prazos médios de pagamento, recebimento e estoques.

A empresa possui apenas estoques de matéria-prima e de produtos em elaboração, não possuindo estoque de produtos acabados. Isso se deve ao fato de que seus produtos são feitos sob encomenda, com projetos diferenciados a cada cliente, não possuindo modelos prontos para compra imediata e, a medida em que vão sendo produzidos já são enviados para montagens em seus clientes pelo fato de serem de um porte que não possibilita essa armazenagem por inteiro no estoque, como por exemplo, os silos, que na maioria das vezes, são de tamanho igual e até mesmo superior à própria fábrica.

Desse modo, foram elaborados os cálculos dos prazos médios de armazenagem apenas das matérias-primas e dos produtos em elaboração. E com base nessas análises pode-se perceber o que segue:

- O estoque de matéria-prima em 2008 chegou a ficar parado por cerca de 111 dias, em 2007 foi de 99 dias e em 2006 chegou a ficar em média 121 dias parado;
- Observando-se os prazos de estocagem dos produtos em elaboração, a situação foi muito parecida, com 139 dias de demora no giro dos estoques em 2008, 107 dias em 2007 e 75 dias em 2006. Como os produtos fabricados pela empresa demoram meses para ficarem prontos, esses prazos são normais, uma vez que os produtos acabam ficando mais tempo nos estoques, até sua posterior entrega aos clientes.

Seus prazos de pagamentos e recebimentos são bastante satisfatórios, uma vez que o tempo despendido para receber de seus clientes é menor que o tempo dado pelos seus fornecedores para pagamentos, o quadro 3 mostra exatamente os prazos de recebimentos e pagamentos.

Como se pode constatar, em todos os anos a empresa tem como política receber de seus clientes antes de honrar com seus fornecedores, mesmo em 2006, quando o prazo dado a seus clientes foi maior, a empresa conseguiu em média, 48 dias a mais para pagar seus credores.

Analisando o patrimônio líquido da empresa, a conta de maior destaque durante os anos, ou seja, que sofreu maior evolução, foi o capital social que aumento de 264,10% em 2008 com relação ao ano de 2006, esse capital foi integralizado com os lucros de exercícios anteriores.

A partir da análise vertical e horizontal da Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), conforme anexo IV, pode-se constatar um aumento no resultado líquido dos exercícios; esse aumento chega à porcentagem de 529,74% em 2007 com relação ao ano de 2006. Em 2008, o aumento em relação ao ano de 2006 foi menor, porém significativa, perfazendo 297,89%. Logo abaixo, o gráfico que traduz a evolução do resultado do exercício nos três últimos anos.

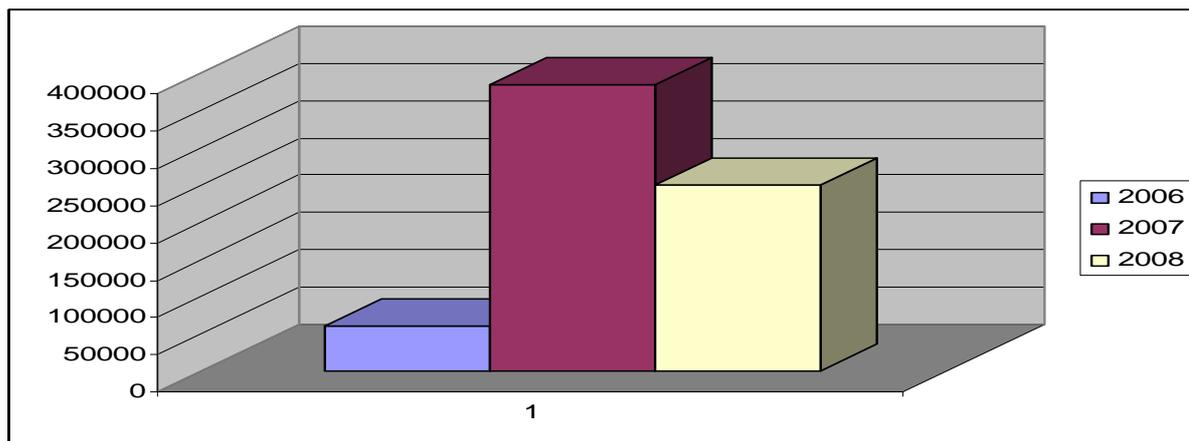


GRÁFICO 2: Evolução do Resultado do Exercício.

É importante que se verifique os motivos desse aumento, para tanto se notou que em se tratando de receita líquida dos períodos, elas não sofreram grandes modificações, apenas tiveram um acréscimo real de 1% em 2008 e 0,70% em 2007, não sendo elas, isoladamente, o fator culminante desse aumento no resultado líquido do exercício. Os custos dos produtos e serviços vendidos obtiveram uma redução durante os anos, em 2007 a redução foi de 4,52%, voltando a sofrer uma redução de 0,84% em 2008. Com o aumento da receita líquida e diminuição dos custos, mesmo que pequenas, o reflexo no lucro bruto foi relevante, uma vez que este obteve aumento de 24,78% em 2007 e 4,36% em 2008 com relação ao ano de 2006.

Outro condicionante foi a redução das despesas operacionais. As despesas administrativas e com vendas que totalizavam em 2006 a quantia de R\$ 393.675,16, cerca de 7% da receita líquida, em 2007 caíram para R\$ 329.904,91. As despesas financeiras, aquelas oriundas de empréstimos, financiamento e também de juros pagos, obtiveram diminuição de 6,80 % em 2007 e redução de 27,34 % em 2008.

Pode-se detectar, portanto, que os fatores que impulsionaram o aumento no Resultado do Exercício da empresa foram diversos, tais como: aumentos nas vendas, conforme mostra gráfico a seguir, a redução nos custos e a redução nas despesas operacionais da empresa.

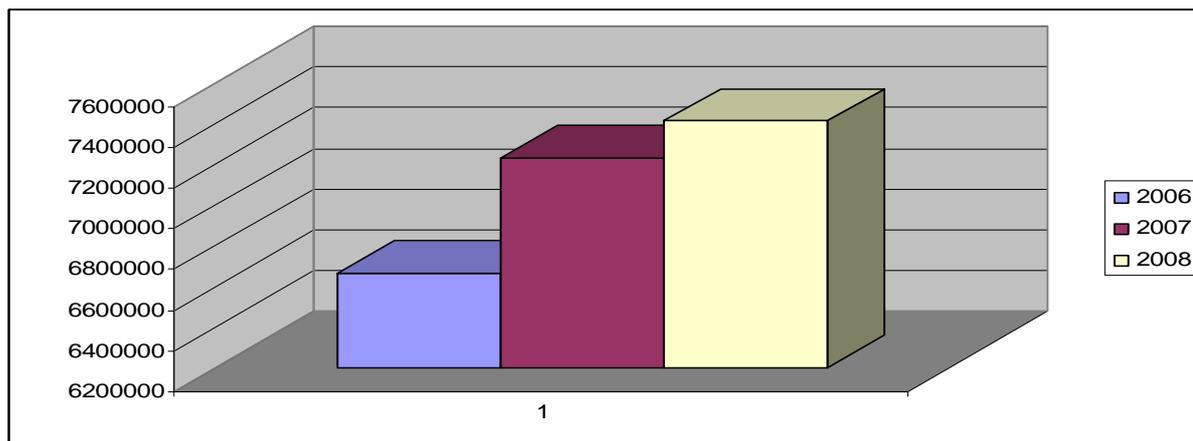


GRÁFICO 3: Crescimento das vendas.

Na análise da D.R.E. com base nos índices econômicos é possível avaliar o rendimento obtido pela empresa baseando-se no capital investido em sua atividade econômica, conseguindo concluir o grau de êxito econômico da empresa.

Índices	2006	2007	2008
Margem Bruta	17,81%	22,07%	18,58%
Margem operacional	2,07%	8,25%	5,75%
Margem Líquida	1,03%	6,47%	4,11%

QUADRO 4 – Índices de lucratividade.

A margem bruta se configura como de fundamental importância, principalmente nas áreas de industrialização, pois através deste índice a empresa avalia quanto de receita líquida sobra após exclusão de seus custos de produção, é um indicador de análise dos gastos na produção. Em 2006 a sobra de receita líquida, após dedução de seus custos, é de 17,81%, em 2007 há uma sobra de 22,07% e em 2008 a sobra é de 18,58% de receita líquida. Nota-se através da margem bruta, que houve aumento nos gastos de produção em 2008 com relação ao ano anterior, para tanto o ideal para a empresa é que ela tente reduzir esses gastos, melhorando assim suas margens brutas.

Levando em conta suas margens líquidas, que fornece a porcentagem de lucro que a empresa obtém em suas vendas, percebe-se que houve uma evolução no decorrer dos três anos, reflexo do aumento nas vendas no período e também da diminuição de despesas, como as despesas de vendas, administrativas e as financeiras. A SR Engenharia Industrial Ltda. alcançou em 2006 1,03% de lucro, em

2007 foi 6,47% e em 2008 o aumento foi 4,11%. A empresa, desse modo, se mostra lucrativa, porém podendo ser alvo de melhoras, a mesma pode aumentar ainda mais suas margens brutas e líquidas, com um aumento em suas vendas e/ou reduzindo seus custos e suas despesas.

Ainda levando em conta a situação econômica da empresa, mas em relação ao estudo da rentabilidade, que nada mais é do que averiguar qual o rendimento dos capitais investidos, portanto, analisando se houve êxito econômico para a SR Engenharia Industrial Ltda, verificou-se que durante esse período de três anos, a entidade obteve retorno em todo capital investido, inclusive o que foi investimento de capital oriundo de seus sócios.

Índices	2006	2007	2008
R.O.I.	6,04%	30,69%	18,35%
R.O.A.	3,27%	12,28%	6,58%
R.O.E.	7,67%	34,27%	20,14%
G.A.F.	2,34 vezes	2,79 vezes	3,06 vezes
Custo dívida	R\$ 0,28	R\$ 2,56	R\$ 0,46

QUADRO 5 – índices de rentabilidade.

Avaliando primeiramente o retorno sobre o investimento da empresa (R.O.I.), constatou-se que em todos os anos, os retornos dos investimentos sobre o lucro operacional foram positivos. Em 2006 os investimentos se refletiram em 6,04% no lucro operacional, em 2007 foi 30,69% e em 2008, 18,35%; portanto houve lucro nos investimentos líquidos efetuados pela empresa.

O retorno sobre o ativo da empresa (R.O.A.), cujo resultado serve para indicar o lucro gerado pelos bens e direitos da empresa, mostra que em 2006 esses investimentos contribuíram em 3,27% no lucro da empresa, em 2007 a empresa obteve maior nível chegando a lucrar 12,28% e em 2008 o lucro foi de 6,58%.

O retorno sobre o patrimônio líquido da empresa (R.O.E.) demonstra o rendimento obtido pelo capital investido dos proprietários, e por isso este indicador econômico mostra-se de suma importância para os interesses de seus sócios-proprietários. Apesar de 2007 se apresentar como ano mais rentável para os sócios, com cerca 34,27% de retorno, os anos de 2006 e 2008 também foram rentáveis, perfazendo respectivamente, 7,67% e 20,14%.

Depois de calculados todos os retornos, pode-se descobrir o grau de

alavancagem financeira da empresa, que durante os períodos da análise, indicam que os recursos de terceiros representam uma capacidade de aumentar a rentabilidade do capital próprio. Em 2006 a capacidade desses recursos de alavancarem a rentabilidade para os sócios foram de 2,35 vezes, em 2007, 2,79 vezes e em 2008 foi de aproximadamente 3 vezes.

Enfim, depois de analisados todos os índices e realizadas as análises verticais e horizontais, pode-se concluir que algumas melhorias podem ser feitas. De uma maneira geral, a empresa não corre risco de insolvência, possui retornos em todos os seus investimentos, uma capacidade de pagamento adequada, e bons resultados durante os anos.

O primeiro ponto que chama atenção e pode ser alvo de mudanças, é a questão da utilização de recursos de longo prazo para adquirir imobilizado. A SR Engenharia Industrial deve, com certeza, investir cada vez mais em tecnologia para acompanhar as mudanças do mercado, pois fica provado que os investimentos neste tipo de ativo trazem rentabilidade para a empresa. Porém o ideal é que a mesma use recursos não-correntes, uma vez que os investimentos em imobilizado geram retornos em longo prazo.

A empresa possui margens de lucros positivas, reflexo dos bons resultados nos três anos analisados, entretanto, pode sofrer melhoras para obtenção de um resultado ainda melhor. A sugestão para isso seria uma política de aumento nas vendas, e até mesmo um estudo para redução das despesas e dos gastos na produção.

5 CONCLUSÃO

Depois de realizado o estudo, verificou-se e comprovou-se através de um levantamento da bibliografia existente, o quanto é importante para as empresas fazerem uma análise de seus demonstrativos contábeis, utilizando a mesma como ferramenta gerencial nas suas atividades. Dessa forma, a empresa tem a possibilidade de controlar e acompanhar as situações relativas às áreas patrimoniais, operacionais, financeiras e econômicas, ajudando a concluir se a empresa está, ou não, seguindo o que foi traçado e até mesmo, ajudar a projetar o futuro da empresa.

As informações que a contabilidade fornece, possibilitam aos interessados avaliar a situação e possíveis tendências, e desta forma, que se verifique e avalie a situação da empresa, que se compare seus resultados durante vários períodos, que se projete o futuro e que se avalie os resultados em relação aos objetivos pré-estabelecidos, além de se poder avaliar seus resultados em comparação com empresas do mesmo ramo, o que aumenta a competitividade entre elas.

No que diz respeito à empresa Sr Engenharia Industrial, obteve-se grande facilidade na busca dos dados, relatórios e informações necessárias para o presente estudo, com uma colaboração de grande valia por parte de seus proprietários e funcionários para concretização dos objetivos deste trabalho, pois apesar de ser uma empresa que nunca havia realizado um estudo similar, se mostrou muito interessada e disposta a ajudar no que fosse necessário.

Com relação aos resultados obtidos na discussão, pode-se dizer que eles foram detectados graças à análise de balanço, não sendo, provavelmente, tais problemas visíveis por seus administradores sem a utilização dessa ferramenta. Verificou-se que a empresa, de um modo geral, apresenta bom desempenho ao longo dos anos de 2006, 2007 e 2008, porém existem alguns pontos que devem ser avaliados, para fazer com a empresa alcance um resultado ainda mais satisfatório.

O ponto negativo encontrado e relatado no relatório de análise foi: o questionamento de quais recursos devem ser usados na aquisição de imobilizado; além de uma sugestão de melhora nas margens de lucros.

Após apontar os problemas e detectar suas causas, as soluções propostas seriam as seguintes: utilizar mais recursos de longo prazo para adquirir bens de caráter permanente e duradouro, uma vez que o retorno desses bens são a longo

prazo e assim, a empresa se onera também a longo prazo e buscar aumentar suas vendas, reduzir seus custos e despesas operacionais, para aumento de suas margens líquidas, operacionais e brutas e conseqüentemente maximizar seu resultado.

É essencial que qualquer empresa utilize essa ferramenta para ajudar no apoio ao seu crescimento e aprimoramento das questões patrimoniais, operacionais, financeiras e econômicas, pois assim, podem-se diagnosticar os pontos críticos e permitir desta forma, de imediato, a apresentação de uma lista das prioridades para a solução de problemas e descobrir os causadores dos mesmos.

O presente trabalho fica aberto a futuros estudos no que tange propor medidas adequadas na política de aquisição de Imobilizado, bem como análise e correção de seus controles internos para ajudar na redução dos custos e das despesas operacionais da empresa SR Engenharia Industrial Ltda.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zenilda; ARANHA, Jose Moura. **Análise financeira**: um estudo comparativo da análise dos indicadores de liquidez com a análise dinâmica do capital de giro. Disponível em: www.fes.br/revistas/agora/ojs/include/getdoc.php?id=150&article=52&mode=pdf. Acesso em 21 de abril 2009.

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis**: estrutura, análise e interpretação. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CERVO, Armando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DA SILVA, A. T. **Administração e controle**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis** – Contabilidade Empresarial. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços**: abordagem básica e gerencial. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços**: abordagem básica e gerencial. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

REVISTA CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro: FGV, v.63, n.05, maio.2009.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e análise de balanços fácil**. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ROGERS, Dany; REZENDE, Cláudio Francisco; LEMES, Sirlei; MELO, Daniela de Castro. **Análise dos índices econômico-financeiros das demonstrações contábeis da Companhia Siderúrgica de Tubarão em diferentes normas.** Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/251.pdf. Acesso em 24 de Maio 2009.

ANEXOS

ANEXO I – Tabela Variação IGP-DI/FGV

INDICE GERAL DE PREÇOS DISPONIBILIDADE INTERNA - IGP-DI				
PERÍODO	ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)		
		NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
2006	336,182	-	1,73	3,79
2007				
set	358,633	1,17	4,44	6,16
out	361,308	0,75	5,22	6,10
nov	365,100	1,05	6,32	6,60
dez	370,485	1,47	7,89	7,89
2008				
jan	374,139	0,99	0,99	8,49
fev	375,558	0,38	1,37	8,65
mar	378,194	0,70	2,08	9,18
abr	382,414	1,12	3,22	10,24
mai	389,585	1,88	5,16	12,14
jun	396,954	1,89	7,14	13,96
jul	401,406	1,12	8,35	14,81
ago	399,870	-0,38	7,93	12,80
set	401,327	0,36	8,32	11,90
out	405,707	1,09	9,51	12,29
nov	405,982	0,07	9,58	11,20
dez	404,185	-0,44	9,10	9,10

Fonte: Fundação Getulio Vargas -FGV

ANEXO II – Balanço Patrimonial 2006, 2007 e 2008.

ANEXO III – Demonstração das origens e aplicações de recursos – DOAR

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS		
EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2006.		
	Nominal	Atualiz.P/2008
1. Origem dos Recursos	-	-
Lucro Líquido do Exercício	53580,91	63.069,01
Depreciação do Exercício	80442,91	94.687,73
Diminuição Ativo Realizável a Longo Prazo	7828,91	9.215,25
Aumento Passivo Exigível a Longo Prazo	7930,41	9.334,73
Total das Origens	149.783,14	176.306,72
2. Aplicações de Recursos		
Aumento do Ativo Imobilizado	94697,33	111.466,32
Aumento do Ativo Diferido	9976,35	11.742,96
Total das Aplicações	104.673,68	123.209,28
3. Variação do Capital Circulante Líquido	45.109,46	53.097,44

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS		
EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2007.		
	Nominal	Atualiz.P/2008
1. Origem dos Recursos	-	-
Lucro Líquido do Exercício	364.044,78	397.172,85
Depreciação do Exercício	69.951,64	76.317,24
Total das Origens	433.996,42	473.490,09
2. Aplicações de Recursos		
Aumento do Ativo Imobilizado	249.783,37	272.513,66
Aumento do Ativo Diferido	16.869,27	18.404,37
Aumento Ativo Realizável a Longo Prazo	7.430,92	8.107,13
Diminuição Passivo Exigível a Longo Prazo	47.416,22	51.731,10
Total das Aplicações	321.499,78	350.756,26
3. Variação do Capital Circulante Líquido	112.496,64	122.733,83

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS		
EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2008.		
	Nominal	
1. Origem dos Recursos	-	-
Lucro Líquido do Exercício	250.942,33	
Depreciação do Exercício	88.926,26	
Total das Origens	339.868,59	
2. Aplicações de Recursos		
Aumento do Ativo Imobilizado	282.280,13	
Aumento Ativo Realizável a Longo Prazo	11.489,38	
Diminuição Passivo Exigível a Longo Prazo	(32.278,57)	
Lucros Distribuídos aos sócios	67.300,00	
Total das Aplicações	328.790,94	
3. Variação do Capital Circulante Líquido	11.077,65	

ANEXO IV – Demonstração do resultado de exercício 2006, 2007 e 2008.